

JT  
4/8/98 44  
307

## Quem consome a Amazônia

As reportagens de Patrícia Ferraz, publicadas no **Jornal da Tarde**, em 21 de junho e 2 de agosto, mostrando como a Floresta Amazônica está sendo vendida aos pedacinhos em São Paulo, muito mais do que no exterior, desmentem mitos tidos como politicamente corretos. Revelam, também, de forma cabal e até cruel, a desinformação e a falta de compromisso, não só do consumidor, mas também dos profissionais da construção civil e da decoração de ambientes, em relação à natureza, que, em última análise, lhes provê o sustento.

Os dados da reportagem impressionam: “Em menos de duas décadas, a participação da Amazônia na produção de madeira nativa cresceu 507%. Estudo recém-concluído por pesquisadores do Imazon, no Pará, mostra que a produção de madeira na região saltou de 14% do total do País (em 1976), para 85% em 1997 – quando foram extraídos 29,5 milhões de metros cúbicos de madeira em toras, o equivalente a 7,3 milhões de árvores.”

Os usuários dessa madeira arrancada da selva não têm a mínima idéia de sua origem. Eles se comportam nos padrões considerados normais pelos “urbanóides”, que imaginam que a água que bebem surge da torneira, e não dos rios, e a carne do churrasco vem dos açougues, e não de um animal vivo, que requer pastagens para crescer. Não relacionam os móveis que compram às árvores cortadas na floresta e, assim, jamais poderiam imaginar que, para ser feito o balcão de seu bar, foi afetado o ciclo natural de muitos seres vivos. Faltam-lhes a mínima consciência de que tudo tem implicações no equilíbrio ecológico.

Também os profissionais que usam a madeira em suas atividades, seja na construção civil, que fica com 39% das árvores serradas na Amazônia, seja na decoração de ambientes domésticos (a indústria moveleira consome 36% delas), se mostram totalmente inconscientes do dano ecológico que estão produzindo. É ínfima a participação de madeira extraída legalmente nesses mercados: 85% dessas árvores são roubadas de reservas indígenas, parques, unidades de conservação ou áreas de preservação de propriedades particulares. A floresta se torna deserto e mais da metade da madeira que ela produz vai para o lixo, antes que o restante possa ser usado para fazer móveis ou andaimes de construção: 40% da que é cortada se perde e 72,1% do que sobra vira serragem, segundo dados da Associação de Produtores de Madeira Serrada. Consumidores em geral e profissionais de construção e decoração, contudo, continuam alheios ao

papel predominante que têm nessa destruição e, na maioria dos casos, acham-se, até, politicamente corretos por repetirem alguns dos muitos slogans de defesa da ecologia que pululam na mídia.

Cabe notar, porém, que não são eles os principais culpados pela própria falta de consciência ecológica. Responsabilidade maior cabe, em primeiro lugar, ao governo, depois, aos militantes da ecologia, reunidos nas Organizações Não-Governamentais (ONGs), e, finalmente, também à mídia em geral. Todos preferem “procurar culpados”, ou no exterior ou na cartilha e arquétipos ideológicos, para a tragédia ecológica brasileira, e cuidar de ameaçá-los de crucificação mediante a reciclagem de velhas leis, sem se preocupar em ir mais fundo no problema ou fazer o trabalho, em geral difuso e anônimo, de promover uma melhor educação ambiental, que não é mais do que o trabalho de retrair de onde vem – e a que custo ambiental – tudo aquilo com que estamos familiarizados em nossa vida nas cidades.

O Brasil não escapará do abismo ecológico em direção ao qual vem correndo há quase 500 anos se não reconhecer a natureza econômica e educacional da questão a tempo de criar e incentivar alternativas de uso econômico da natureza que coloquem esse impulso natural da humanidade a serviço da conservação da natureza e não trabalhar fortemente o lado educacional do problema. Enquanto continuar acreditando em decretos autoritários e não na conscientização geral e na contribuição espontânea ou interessada de cada cidadão, continuaremos perdendo essa guerra. Pois, enquanto devastar for mais conveniente do que preservar, do ponto de vista econômico, leis, como a dos crimes ambientais, serão sempre desrespeitadas, sobretudo se os consumidores dos produtos assim conseguidos continuarem inconscientes como se mostram no Brasil.

Faria muito bem para o Brasil se o governo se dedicasse a incentivar o nascimento e o florescimento de uma economia dependente da conservação, promovendo e organizando o turismo ligado à caça e à pesca esportivas, capaz de gerar muito mais dinheiro do que a exploração de madeira, e que hoje é o elemento central de todas as políticas nacionais de conservação da natureza bem-sucedidas, e se as organizações governamentais deixassem de se dedicar exclusivamente à ação de lobby legislativo e se concentrassem mais na ação educativa que só elas, como típicos agentes comunitários, podem desempenhar.